

Enfermagem:

Processos, Práticas e Recursos

2

Samira Silva Santos Soares
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2021

Enfermagem:

Processos, Práticas e Recursos

2

Samira Silva Santos Soares
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^ª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^ª Dr^ª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^ª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^ª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^ª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Prof^a Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Prof^a Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof^a Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Prof^a Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Prof^a Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Enfermagem: processos, práticas e recursos 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Samira Silva Santos Soares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E56 Enfermagem: processos, práticas e recursos 2 /
Organizadora Samira Silva Santos Soares. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-924-0
DOI 10.22533/at.ed.240212402

1. Enfermagem. I. Soares, Samira Silva Santos
(Organizadora). II. Título.

CDD 610.73

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A coleção “Enfermagem: Processos, Práticas e Recursos” reúne 76 artigos científicos originais, produzidos por acadêmicos, professores e pesquisadores de diversas Instituições de Ensino Superior (IES).

A obra foi dividida em 3 (três) volumes, de modo que o volume 1, concentra estudos relacionados à Saúde da Mulher e da Criança; o volume 2, trata especialmente sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e as estratégias educativas utilizadas pelo enfermeiro em seu cotidiano laboral. O volume 3 por sua vez, aborda a prática da enfermagem nos mais variados setores e enfatiza questões ligadas à Saúde do Trabalhador e a Segurança do Paciente.

Desse modo, a coleção “Enfermagem: Processos, Práticas e Recursos” tece importantes discussões e possibilita reflexões sobre a complexidade do trabalho em saúde e, em especial, no âmbito da Enfermagem, visando contribuir com o fortalecimento deste campo. Ademais, os capítulos articulam problemáticas que impactam na formação e no exercício profissional do enfermeiro, em seus mais distintos cenários de inserção laboral.

Sabe-se o quão importante é a divulgação científica, por isso destaco o compromisso da Atena Editora em oferecer uma ótima experiência aos pesquisadores, otimizando canais acessíveis de comunicação e uma plataforma consolidada e confiável, além de uma rápida resposta – fundamental para que os dados não fiquem obsoletos.

Agradecemos por fim, o empenho dos autores para o desenvolvimento dessa obra. Explicita-se o desejo de que esta leitura contribua para a ampliação do conhecimento científico dos processos, práticas e recursos relacionados à Enfermagem e os impulse ao desenvolvimento de novas e brilhantes pesquisas.

Samira Silva Santos Soares

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

CONHECIMENTO DOS ENFERMEIROS SOBRE A SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM (SAE) NA TRAUMATO-ORTOPEDIA

Elieza Guerreiro Menezes
Ana Caroline Lima Façanha
Eidie Souza de Queiroz
Adriany da Rocha Pimentão
Daniely Bianca Magalhães de Figueiredo Carvalho
Andreza Cardoso Ramires
Milena Batista de Oliveira
Francisca Félix da Rocha
Nathalia Siqueira Duarte
Débora Ramos Soares
Taycelli Luiza de Oliveira Dias
Noely Raquel Nascimento das Neves

DOI 10.22533/AT.ED.2402124021

CAPÍTULO 2..... 17

A SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM UMA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA E SUAS DIFICULDADES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Elem Cristina Silva da Costa
Liwcy Keller de Oliveira Lopes Lima
Fernanda Alves da Silva
Ana Katryne Lopes de Sousa
Bruna Eduarda da Silva Passos

DOI 10.22533/AT.ED.2402124022

CAPÍTULO 3..... 28

SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA SÍFILIS CONGÊNITA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Wellington Maciel Melo
Ruth Silva Lima da Costa
Rislany Naara Machado Barbosa
Walisson Ferreira e Silva
Keyla Millena Lima da Silva Amorim
Carla Nascimento da Costa

DOI 10.22533/AT.ED.2402124023

CAPÍTULO 4..... 37

O PAPEL DO ENFERMEIRO NO RESGATE AEROMÉDICO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Sílvia Elizabeth Gomes de Medeiros
Salusa de Oliveira Marques
Darine Marie Rodrigues da Silva
Terezinha Lima Barbosa de Oliveira
Ailton Sebastião da Silva
Givanildo Amâncio da Silva

DOI 10.22533/AT.ED.2402124024

CAPÍTULO 5..... 45

A ENFERMAGEM NO ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES DE PACIENTE EM CUIDADOS PALIATIVOS

Marcela Beatriz Rodrigues Lobato de Nazaré

Ivonete Vieira Pereira Peixoto

Raiane Lira dos Santos

Osvaldo da Silva Peixoto

Carla Stefhanie de Sousa Costa

Júlia Livia Tavares da Costa

Lucas Santos Negrão

Vitória Moraes de Sousa

Jhuly de Kássia Coutinho Pereira

Marcelly Beatriz Pinheiro Martins

Mayra Gabriella do Nascimento Farias

Valéria Fernanda da Silva Almeida

DOI 10.22533/AT.ED.2402124025

CAPÍTULO 6..... 49

ASSISTÊNCIA DA CONSULTA DE ENFERMAGEM NO PERÍODO PRÉ-OPERATÓRIO E SUA INFLUÊNCIA NO PÓS-OPERATÓRIO EM PACIENTES DE CIRURGIA ELETIVA

Kedma Samara Fernandes Rodrigues

Mayanny Cristhyna Martins Santos

Elias Rocha de Azevedo Filho

DOI 10.22533/AT.ED.2402124026

CAPÍTULO 7..... 62

EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE UTILIZANDO HISTÓRIA EM QUADRINHOS: CUIDADOS COM O PÉ DIABÉTICO

Eloisa de Alencar Holanda

Gisele Souza da Silva

Ívinna de Alencar Holanda Costa

Maria Alicia Sousa Cavalcante

Rayanne Melo Saraiva

Raylson Ferreira Freires

Luciana Catunda Gomes de Menezes

Francisco Ariclene Oliveira

Dalila Augusto Peres

DOI 10.22533/AT.ED.2402124027

CAPÍTULO 8..... 72

A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO CONTROLE E PREVENÇÃO DA OBESIDADE NA ESCOLA

Maciel Borges do Nascimento

Murilo de Jesus Porto

Jaciara Pinheiro de Souza

Maria de Fátima Santana de Souza Guerra

Ana Mara Borges Araujo

Welde Natan Borges de Santana

Selene Nobre Souza dos Santos
Adrielle Borges Araujo
Josevania Batista dos Santos
David Jesus de Almeida
Phydel Palmeira Carvalho
Rodrigo Santos Barbosa

DOI 10.22533/AT.ED.2402124028

CAPÍTULO 9.....82

**OFICINA EDUCATIVA SOBRE VERMINOSES EM COMUNIDADE RIBEIRINHA:
EXPERIÊNCIA E O CUIDADO DE ENFERMAGEM**

Júlia Livia Tavares da Costa
Marcelly Beatriz Pinheiro Martins
Marcela Beatriz Rodrigues Lobato de Nazaré
Lucas Santos Negrão
Francisco Jadson Silva Bandeira

DOI 10.22533/AT.ED.2402124029

CAPÍTULO 10.....86

**COMO A TECNOLOGIA EDUCACIONAL PODE AUXILIAR NO PROCESSO DE
APRENDIZADO DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM?**

João Rodrigo Araújo da Silva
Jhonata Gabriel Moura Silva
Aline Santana Figueredo
Arthur André Castro da Costa
Giovana Maria Bezerra de Moraes
Vinicius Silva de Araújo
Vitor Pachelle Lima Abreu
Jurandir Xavier de Sá Junior
Mariana Ferreira Vale
Raquel Monteiro dos Santos
Keerollen Cristyne da Silva Oliveira
Francisco Alves Lima Junior

DOI 10.22533/AT.ED.24021240210

CAPÍTULO 11.....98

**A MONITORIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NO MÓDULO DE
ENFERMAGEM NO CUIDADO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

Wesclei Pinheiro Mouzinho de Lima
Diana Thiers Oliveira Carneiro
Camila Santos do Couto
Érika Soares Albuquerque
Maria Patrícia Sousa Lopes
Francisca Risoleta Pinheiro
Natalia Carvalho Pinheiro
Karine Oliveira de Farias Costa
Anna Rebecca Matoso Silva Almeida
Allana de Maria Portela Gomes

Ianna Canito Oliveira
Samantha Alves de Souza

DOI 10.22533/AT.ED.24021240211

CAPÍTULO 12..... 103

O USO DE MAPAS MENTAIS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO CURSO DE BACHAREL EM ENFERMAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nadja Salgueiro da Silva
Cecília Sousa Gomes
Tayla Wende Barbosa Melo
Marcelina da Silva Inácio
Ellen Barbara Guimarães de França
Dionah Bandeira de Figueiredo

DOI 10.22533/AT.ED.24021240212

CAPÍTULO 13..... 111

VIVÊNCIA DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM VINCULADOS A UM PROJETO DE EXTENSÃO NA ABORDAGEM DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Macon Williams Ferreira Zimmer
Andrielli dos Santos
Janifer Prestes

DOI 10.22533/AT.ED.24021240213

CAPÍTULO 14..... 120

EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NA PREVENÇÃO DA DENGUE, ZIKA VÍRUS, CHIKUNGUNYA E ADOECIMENTO PSÍQUICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM REPELENTE CASEIRO

Ana Flávia Silva Lima
Yanna Cristina Moraes Lira Nascimento
Silvana Siboney Gomes da Silveira Santos
Mário César Ferreira Lima Júnior
Joabson dos Santos Lima
Selma Maria Pereira da Silva Accioly

DOI 10.22533/AT.ED.24021240214

CAPÍTULO 15..... 131

INTERPROFISSIONALIDADE E A CADERNETA DA GESTANTE: UMA EXPERIÊNCIA DE INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO-COMUNIDADE EM BRAGANÇA PAULISTA

Alessandra Aparecida de Araujo Pereira
Amanda Januário Machado
Andréia Cristina Zago da Silva
Beatriz Gomes Valença
Luis Eduardo Teixeira da Silva
Luis Henrique Rodrigues dos Santos
Nahara Cralcev Marostica
Noemi Terribile Vieira Rocha
Thalyta Cristine Lorenzetti da Silva

DOI 10.22533/AT.ED.24021240215

CAPÍTULO 16..... 139

CONHECIMENTO DOS GRADUANDOS A RESPEITO DA HANSENÍASE: O PAPEL TRANSFORMADOR DE FUTUROS ENFERMEIROS

Maria Regina Bernardo da Silva

Fabia Maria Sales Barbosa

Jaqueline Izabel Silva

Jean Sales Barbosa

Raquel Bernardo da Silva

Andrea Cristina Durão

DOI 10.22533/AT.ED.24021240216

CAPÍTULO 17..... 152

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E OCUPACIONAL, TURNO DE TRABALHO E QUALIDADE DE VIDA DE PROFISISONAIS DE ENFERMAGEM

Rodrigo Marques da Silva

Gisele Matos de Oliveira

Amanda Cabral dos Santos

Kerolyn Ramos Garcia

Lincoln Agudo Oliveira Benito

Taniela Márquez de Paula

Samuel da Silva Pontes

Leila Batista Ribeiro

Cristilene Akiko Kimura

DOI 10.22533/AT.ED.24021240217

CAPÍTULO 18..... 164

A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE AUDITORIA PARA A QUALIDADE DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

Pamela Nery do Lago

Marlene Simões e Silva

Regina de Oliveira Benedito

Roseane Pereira Sousa

Andreia Aparecida Martins de Carvalho

Maria Ivanilde de Andrade

Eduardo Rodarte Martins

Martapolyana Torres Menezes da Silva

Helena Cristina Araujo Lima

Milenny Andreotti e Silva

Glauber Marcelo Dantas Seixas

Fabiana Nascimento Silva

DOI 10.22533/AT.ED.24021240218

CAPÍTULO 19..... 174

RELEVÂNCIA DO ENFERMEIRO NO PROCESSO DE AUDITORIA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Camila Cavalcante Alves

Amanda de Andrade Gomes Silva

Nalma Alexandra Rocha de Carvalho Poty

Dalívia Marta de Araújo Sá
Ingrid Moura de Abreu
Isabela Ribeiro de Sá Guimarães Nolêto

DOI 10.22533/AT.ED.24021240219

CAPÍTULO 20..... 181

QUALIDADES DO CUIDADOR DE IDOSOS E A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

Maria Regina Bernardo da Silva
Rosangela silva de araujo mendes
Angela Dias de Araujo Ramado
Aline Silvano Frutuoso Conceição
Thauany Dias de Azevedo Felipe
Jane Gregorio de Andrade
Louise Coelho Marques

DOI 10.22533/AT.ED.24021240220

CAPÍTULO 21..... 194

**EFEITO DA DANÇA CIRCULAR NA QUALIDADE DE VIDA EM ESTOMIZADOS
INTESTINAIS: ENSAIO CLÍNICO RANDOMIZADO**

Rodrigo Marques da Silva
Dirce Bellezi Guilhem
Cristilene Akiko Kimura
Breno Silva de Abreu
Lucas Costa Guimarães
Amanda Cabral dos Santos

DOI 10.22533/AT.ED.24021240221

CAPÍTULO 22..... 211

**COMITÊ DE QUALIDADE NA ATENÇÃO PRIMARIA EM SAÚDE: DESENVOLVENDO
METAS INTERNACIONAIS DE SEGURANÇA DO PACIENTE EM UM MUNICÍPIO DA
REGIÃO NOROESTE-RS**

Carina Gheno Pinto
Jaqueline Herter Soares Grimm
Marina Calegaro da Rosa
Diogo da Rosa Viana
João Nunes Maidana Júnior
Rosalia Figueiredo Borges
Rosane Mortari Ciconet

DOI 10.22533/AT.ED.24021240222

CAPÍTULO 23..... 224

**CONHECIMENTO E PRÁTICA DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM SOBRE O
CUIDADO PRESTADO A PESSOA PORTADORA DE LESÃO DE PELE**

Denise Borges da Costa
Tatiana Peres Santana Porto Wanderley
Ingrid Santos Lino
Guiomar Virginia Vilela Assunção de Toledo Batello
Márcia Pessoa de Sousa Noronha

DOI 10.22533/AT.ED.24021240223

CAPÍTULO 24.....236

O USO DO PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR COMO ESTRATÉGIA PARA O TRABALHO INTERPROFISSIONAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PET SAÚDE INTERPROFISSIONALIDADE

Karina Magrini Carneiro Mendes

Rodinei Vieira Veloso

Débora Milara de Toledo Teixeira

Mariane Borges Banfi

Brenda Caroline da Costa

Giselle Vieira Sousa

Maria Camila Lambert de Melo

Ester Caroline Fernandes Ribeiro

Gabriel Rosinholi

Wesley Mozart Dias

Lisamara Dias de Oliveira Negrini

DOI 10.22533/AT.ED.24021240224

CAPÍTULO 25.....243

O USO DA MÍDIA SOCIAL COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE DO ADOLESCENTE

Karina Magrini Carneiro Mendes

Rodinei Vieira Veloso

Débora Milara de Toledo Teixeira

Mariane Borges Banfi

Brenda Caroline da Costa

Giselle Vieira Sousa

Maria Camila Lambert de Melo

Ester Caroline Fernandes Ribeiro

Gabriel Rosinholi

Wesley Mozart Dias

Lisamara Dias de Oliveira Negrini

DOI 10.22533/AT.ED.24021240225

CAPÍTULO 26.....249

O PAPEL DO ENFERMEIRO NO TRATAMENTO E PREVENÇÃO DE LESÕES POR PRESSÃO

Deborah Walter Train

Helen Cristina Goll de Paula

Ingrid Caroline Canestraro

Letícia Torres de Souza

Giovanna Batista Leite Veloso

DOI 10.22533/AT.ED.24021240226

CAPÍTULO 27.....253

AÇÃO DE VACINAÇÃO CONTRA SARAMPO APÓS CASO SUSPEITO EM INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ENSINO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Karla Brandão de Araújo

Erika Oliveira Abinader

Maria de Nazaré de Souza Ribeiro
Cleisiane Xavier Diniz
Gláucia Alvarenga de Araújo
Victor Hugo da Silva Xisto
Karem de Souza Brandão
Samirames da Silva Fleury
Evellin Nascimento de Souza

DOI 10.22533/AT.ED.24021240227

CAPÍTULO 28.....259

**CRITÉRIOS DE ESCOLHA DE REDES SOCIAIS PARA DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES
SOBRE A TEMÁTICA DA OBESIDADE: REVISÃO NARRATIVA**

Lilian Moura Costa da Silva
Victor Emmanuel de Vasconcelos Teles Peixôto
Camila Giroto Alberti
Ana Carolina de Macedo
Martine Elisabeth Kienzle Hagen
Anelise Levay Murari
Mara Cristina Pimenta dos Santos Ruybal
Isabel Cristina de Macedo

DOI 10.22533/AT.ED.24021240228

CAPÍTULO 29.....271

VITAMINA D E A SUA RELAÇÃO COM AS DOENÇAS CARDIOVASCULARES

Raiane Melo de Oliveira
Antonia Mayra Martins de Sousa
Beatriz Gonçalves de Oliveira
Bruna Kelly Alcântara Feitosa
Esuite de Abreu Neto
Laura Beatriz Macedo Figueredo
Maria Lizandra Delfino Alves
Ydda Marlynni Benicio de Queiroz

DOI 10.22533/AT.ED.24021240229

SOBRE A ORGANIZADORA.....280

ÍNDICE REMISSIVO.....281

CONHECIMENTO DOS GRADUANDOS A RESPEITO DA HANSENÍASE: O PAPEL TRANSFORMADOR DE FUTUROS ENFERMEIROS

Data de aceite: 23/03/2021

Maria Regina Bernardo da Silva

Fabia Maria Sales Barbosa

Jaqueline Izabel Silva

Jean Sales Barbosa

Raquel Bernardo da Silva

Andrea Cristina Durão

RESUMO: Objetivo: Identificar o conhecimento de graduandos sobre hanseníase de uma Universidade privada da zona oeste do Rio de Janeiro-RJ. **Metodologia:** Estudo de campo tipo dissertativo com abordagem quantitativa onde utilizou-se uma entrevista estruturada. **Resultados.** Participaram 86 acadêmicos sendo a prevalência do 5º período 43,02% (37), mas poucos 36,5% (31) souberam os tipos de tratamento; 72,10% (62) afirmam corretamente o modo de transmissão, vias aéreas; mas somente 44,18% acreditam que na primeira dose da medicação deixa de transmitir a doença; e 79,7% (68) relataram corretamente os sintomas da doença. Portanto, constatou-se que, apesar de 90,70% (78) dos graduandos ter ouvido falar da hanseníase, ainda existem lacunas de conhecimento em relação as formas de transmissão, diagnóstico precoce e tratamento da doença. **Conclusão** O baixo nível de conhecimento sobre a doença dificulta o controle

da hanseníase sendo necessário conscientizar os graduandos a buscar informações fora do campus como também a universidade implementar na graduação meios que corroborem com a temática para que o profissional de enfermagem possa ser capaz de lidar e conhecer sobre a hanseníase.

PALAVRAS - CHAVE: Conhecimento, Hanseníase, Graduandos, Enfermagem.

KNOWLEDGE OF GRADUATES IN RESPECT OF LEPROSY: THE TRANSFORMING ROLE OF FUTURE NURSES

ABSTRACT: Objective: To identify the knowledge of leprosy undergraduates at a private university in western Rio de Janeiro-RJ. Methodology: Field study with a quantitative approach where a structured interview was used. Results Eight-six students participated, the prevalence of the 5th period being 43.02% (37), but few 36.5% (31) knew the types of treatment; 72.10% (62) correctly affirmed the mode of transmission, airways; but only 44.18% believe that in the first dose of the medication it does not transmit the disease, and 79.7% (68) correctly reported the symptoms of the disease, therefore, it was found that, despite 90.70% (78) of the students having heard about leprosy, there are still gaps in knowledge regarding forms of transmission, early diagnosis and treatment of the disease Conclusion The low level of knowledge about the disease makes it difficult to control leprosy and it is necessary to make undergraduates aware to seek information off campus as well as the university to implement in the undergraduate means that corroborate the theme so that the nursing professional can be

able to cope and know about leprosy.

KEYWORDS: Knowledge, Leprosy, Graduating students, Nursing

INTRODUÇÃO

A partir da visita das autoras em um hospital do Rio de Janeiro e artigos associados, emergiu a ideia de expressar a temática Hanseníase, tendo em vista que o conhecimento a respeito dessa enfermidade influencia não só a atuação prática, mas também a vida acadêmica, e nessa perspectiva semear sua consciência fortalecendo o controle da doença, e reduzindo o agravo causado pela Hanseníase.

Em virtude de pouco conhecimento da hanseníase, a atuação do enfermeiro e aplicação da abordagem no ambiente escolar é de extrema relevância para que esse profissional identifique os conhecimentos precedentes e o dissemine através de estratégias de educação em saúde, com os quais será realizada a ação de educação com vista na prevenção, diagnóstico e tratamento precoce, a fim de amenizar os impactos causados que afetam na qualidade de vida das pessoas acometidas. (PINHEIRO, et al.,2015)

Alguns fatores têm contribuído dificultando no controle da hanseníase, destacando-se o conhecimento, com base não só nos profissionais atuantes e como também no baixo nível de instrução em algumas escolas que oferecem cursos na área de saúde, onde a consciência sobre a hanseníase tem sido negligenciada mesmo nos países endêmicos, e para contribuir e enfrentar é necessário, melhor formação dos profissionais da área de saúde, seja na graduação e na prática profissional. (RODRIGUES, 2013)

É de grande valor fornecer aos graduandos entendimentos a respeito da hanseníase, permitindo dessa forma que aptidões e condutas sejam desenvolvidas para um cuidado mais eficaz ao paciente, abordando questões relativas ao estigma e de como desenvolvê-la no meio estudantil, e com esse esclarecimento, realizar uma melhor atuação no futuro profissional, na orientação sobre a hanseníase, seja aos doentes ou à população em geral. (ZIMMERMANN, 2014)

A hanseníase, doença identificada como lepra desde os tempos provectos na bíblia, é considerada enfermidade crônica, infecciosa, transmissível, sendo acometida por reações de pele, e nervos periféricos e podendo ocasionar incapacidades físicas, onde podem ser diminuídas, sendo elas reconhecidas de maneira prévia o seu diagnóstico. (RODRIGUES,et.al.2015)

Todavia a lepra era caracterizada naquela época como uma impureza moral, espiritual ou mesmo castigo divino, as reações dermatológicas disseminadas eram miradas como impurezas de corpo e alma, e nesse sentido essas pessoas eram segregadas do convívio social e declarados impuros como forma de punição, os leprosários serviam mais para isolamento do que mesmo para cura. (SOUZA, 2015)

No entanto, o preconceito causado na era pela lepra obteve diversas discriminações,

desacolhimento, aflição e estigma. O bacilo causador foi descoberto em 1873, nomeado como *mycobacterium leprae* ou bacilo de Hansen, nome agraciado pelo Médico descobridor Gerhard Armauer Hansen. (SILVEIRA et.al, 2014)

Até a década de 1940 o medicamento utilizado no seu tratamento era um fitoterápico natural da Índia, denominado óleo de chaulmoogra, sua administração era por via oral ou mesmo injetável nos leprosários, descobriu-se com o avanço das pesquisas laboratoriais e avanço da indústria químico-farmacêutica que o uso da dapsona e sulfona no seu tratamento, o isolamento não era maneira para combater a doença. (PINHEIRO, et al.,2015).

Entretanto na década de 1960 houve resistência à dapsona e descoberta a rifampicina como possibilidade medicamentosa; por meio de um ajuste e recomendação pela Organização Mundial de Saúde 1981, através da poliquimioterapia (PQT), a combinação dapsona, rifampicina e clofazimina, passando a ser adotado no tratamento contra a doença e foi dado início ao movimento de combate ao preconceito e estigma que envolvia o termo “lepra” (BRASIL,2013)

O termo lepra foi proibido, passando a ser designada Hanseníase de acordo com a Lei nº 9.010 1995, intervenção adotada pelo governo brasileiro que legislou em documentos oficiais de administração da União e dos Estados membros. (SILVEIRA et.al, 2014)

No Brasil, com a adoção da atenção básica (AB) junto ao sistema único de saúde (SUS), implementou-se a reorganização a atenção, onde nos municípios brasileiros essa organização ocorre a partir da estratégia de saúde da família (ESF), cabendo a (AB) a vigilância epidemiológica da hanseníase, investigação de contatos intra domiciliares busca ativa de novos casos, e promoção de saúde da população. (NETA .et al 2017)

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o enfermeiro está entre os profissionais de saúde que mais está em contato direto nos programas como na atenção básica (AB) e centros de atendimento aos pacientes portadores da hanseníase, colaborando mediante uma atuação dinâmica junto ao paciente e seus familiares, podendo influir decisivamente no controle da endemia . (OLIVEIRA,2014)

Portanto, a pesquisa tem como objetivo geral identificar o conhecimento dos graduandos de enfermagem sobre a doença Hanseníase, e apresenta como questão norteadora: Qual o conhecimento dos graduandos de enfermagem sobre Hanseníase?

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo do tipo exploratório descritivo com abordagem quantitativa.

Os estudos exploratórios buscam adquirir maior familiaridade, ideias e intuições elevando o grau de conhecimento do pesquisador sobre os fatos, necessitando ser tolerável para permitir a análises aproximativas acerca de determinado fenômeno. (SELLITZ,1965)

Esta abordagem metodológica mostrou-se a mais adequada para o estudo do

objeto em evidência, pois as informações obtidas por meio de coleta de dados visam identificar os saberes e conhecimentos técnicos em relação à temática. A pesquisa foi desenvolvida em salas de aula de uma Universidade Privada, situada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Realengo, RJ. Os participantes do estudo foram 86 graduandos, do curso de Enfermagem, sendo utilizado como critério de inclusão acadêmicos do 5º ao 8º período e que tenham cursado as disciplinas de Saúde coletiva e Infecções Infecto contagiosas, ambos os sexos, independente da faixa etária, e que concordaram com o termo consentimento livre esclarecido TCLE, sendo excluídos desta amostra, os graduandos que não atenderam aos requisitos de inclusão supracitados. Para instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista estruturada contendo questões objetiva, abordando o conhecimento a respeito da Hanseníase, a qual ocorreu nos meses de março a maio de 2019, sendo aplicada individualmente aos graduandos. A pesquisa foi feita após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Castelo Branco, sob Parecer nº 2.564. 572. Todas as entrevistas foram digitadas, e em seguida, os gráficos sofreram um processo de revisão, codificação, seleção e classificação, antes de serem submetidos à análise estatística. As variáveis foram estratificadas segundo o conhecimento da Hanseníase através o cálculo das prevalências na tabela Excel. A análise utilizada efetua uma crítica dos achados, identificando diferenças e conflitos; seguida da interpretação dos resultados, com o cruzamento das informações encontradas e seleção dos principais tópicos a serem discutidos. E finalizou-se com a apresentação das evidências encontradas. Conforme sua teoria Bardin. (BARDIN,2009)

RESULTADOS

1- faixa etária	Nº	%
19-35	66	76,74
36-55	20	23,26
2- sexo		
Feminino	73	84,88
Masculino	13	15,12
3—Cursando		
5º período	37	43,02
6º período	19	22,09
7º período	12	13,95
8º período	18	20,94
5- Atuação na área de saúde		
Sim	34	39,53
Não	52	60,47
Total	86	100%

Tabela 01: Distribuição do perfil dos Graduandos de Enfermagem de uma Universidade Privada na Zona Oeste do Rio de Janeiro

A idade dos entrevistados variou de 19 a 55 anos, sendo a maior prevalência os jovens de 19 a 25 anos 62,79% (54), sexo feminino 84,88% (73), maior número de entrevistados prevaleceu os do 5º período 43,02% (37) onde 39,53% (34) atuam em outras áreas, o número de acertos dos graduandos que atuam na área de saúde, foram mais expressivos dos que não atuam.

Variáveis	Descrição	N=	%
Políticas de controle da hanseníase	Doença foi eliminada	06	6,98
	Muitos casos	53	61,62
	Está sendo eliminada	21	24,42
	Não tem cura	06	6,98
Hanseníase tem cura	Sim	72	83,72
	Não	14	16,28
Transmissão da Hanseníase	Contato direto com as lesões da pessoa infectada	24	27,90
	Por vias aéreas, através de contato íntimo e prolongado de domiciliares	62	72,10

Conduta correta da Enfermagem diante de do diagnóstico da hanseníase	Isolar o doente da comunidade para realização do tratamento.	12	13,95
	Realizar o tratamento sem necessidade de isolamento.	51	59,30
	Manter o doente isolado nas primeiras semanas de tratamento	23	26,75
Suspeita de Hanseníase	Lesões pruriginosas (coceira)	07	8,14
	Alteração de sensibilidade na mancha	64	74,42
	Bolhas no corpo	10	11,63
	Dor na ferida e mancha	05	5,81
Total		86 100%	

Tabela 2: Distribuição do Conhecimento dos Graduandos de Enfermagem sobre Hanseníase de uma Universidade Privada na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Fonte: Dados da pesquisa

Dos graduandos entrevistados, 61,62% (53) acreditam que ainda existem muitos casos da doença no Brasil, 83,72% (72) acreditam que há cura, 72,10% (62) informaram que a transmissão acontece pelas vias aéreas, através de contato íntimo e prolongado de domiciliares, 59,30% (51) informaram que o tratamento pode ser realizado sem isolamento, observou-se que 26,75% (23) dos entrevistados inadequadamente acreditam que o doente precisa ficar isolado nas primeiras semanas mesmo tendo iniciado o tratamento, e quanto a suspeita da doença 74,42% (64) responderam acertadamente que a alteração de sensibilidade na mancha , suspeita-se da doença.

Variáveis	Descrição	N=	%
Conhecimento sobre os tipos de tratamento	Sim	37	43,02
	Não	49	56,98
Tratamento pode ser de acordo com	Sintomas de dor local	03	3,49
	número de manchas e falta de sensibilidade	68	79,07
	número de manchas e coceira no local da	15	17,44
Tipos de tratamento	Paucibacilar e multibacilar	21	24,42
	Poliquimioterapia e antibiótico	31	36,05
	Não responderam	34	39,53
Cessamento da transmissão da doença pós tratamento	30 doses (um mês de tratamento)	17	19,77
	60 dias (dois meses de tratamento)	21	24,42
	Primeira dose no primeiro dia de tratamento	38	44,18
	Quando termina o tratamento	10	11,63

Tabela 3: Distribuição quanto ao Conhecimento do Tratamento da Hanseníase entre os Graduandos de Enfermagem de uma Universidade Privada na Zona Oeste RJ

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar de 43,02% (37) conhecer os tipos de hanseníase, somente 24,42% (21) responderam corretamente os tipos de tratamento da Hanseníase, Os graduandos do 8º período foram os que responderam a forma mais adequada ao tratamento.

Quanto ao conhecimento sobre a medicação, somente 44,18% (38) responderam corretamente que a partir da primeira dose no primeiro dia do tratamento deixa de transmitir a doença, sendo o 7º período que apresentou conhecimento mais adequado em relação a medicação.

Variáveis	Descrição	N=	%
Atuação de enfermagem	Orientar quanto importância do tratamento	76	88,37
	Isolar dos outros para não haver contaminação	09	10,47
	Nenhuma das repostas estão corretas	01	1,16
Condutas referentes aos familiares	Não precisa ser avaliado	01	1,16
	Os contatos até cinco anos atrás necessitam ser avaliados	56	65,12
	Avaliação a família se o médico assim solicitar	08	24,42
	Procurar atendimento caso tenha alguma mancha	21	
Exames solicitados	Teste de sensibilidade e baciloscopia da linfa	48	55,81
	Exame de sangue e exame de urina	1	1,16
	Exame de sangue e baciloscopia da linfa	06	6,98
	Teste de sensibilidade e exame de sangue	31	36,05
Abordagem em sala de aula sobre Hanseníase	Palestra em sala de aulas	16	18,60
	Visita em campus	16	18,60
	Orientações sobre diagnóstico e tratamento dos pacientes	54	62,80
Total		86	100%

Tabela 4: Distribuição dos Graduandos sobre a Atuação da Enfermagem na Hanseníase em uma Universidade Privada na Zona Oeste RJ

Fonte: Dados da pesquisa

Dos graduandos, 88,37% (76) acreditam que a atuação da enfermagem é orientar quanto a importância do tratamento da hanseníase; 65,12% (56) que a enfermagem deve alertar e avaliar os familiares até cinco anos retroativos. Quanto aos exames a serem solicitados, 55,81% (48) afirmam ser o teste de sensibilidade e a baciloscopia da linfa. Perguntados sobre os tópicos sobre Hanseníase que deveriam ser abordados em sala de aula, 62,80% (54) dos graduandos gostariam de receber mais orientações sobre a doença, inclusive sobre diagnóstico e tratamento.

DISCUSSÃO

Observando-se o perfil dos graduandos entrevistados percebe-se a prevalência de uma população jovem, defendendo a teoria de que essa inserção rápida em estudos de nível superior possibilita oportunidades brevemente e gerando perspectiva de crescimento e progresso. Jovens na educação superior promove grandes desafios a esses futuros profissionais, como aumento da responsabilidade e principalmente a incerteza do que realmente almejam. (BRITO, 2009)

Nota-se ainda que é semelhante as demais universidades do Brasil no tocante ao sexo, sendo o feminino a maioria dos estudantes. A enfermagem associada somente ao sexo feminino tem passado por mudanças há alguns anos. Atualmente ela ainda é composta em sua maioria por mulheres (84,6%), porém a presença do sexo masculino vem crescendo, sendo caracterizada em 15,0% pelos homens. (BRASIL,2015)

Observou-se que 34 exercem atividades remuneradas em outras categorias de enfermagem (auxiliares e técnicos), e corrobora o fato que normalmente procuram um curso superior na tentativa de melhoria da atividade e do próprio reconhecimento profissional, já que essas categorias são menos remuneradas e pouco valorizadas no setor da saúde. (GARCIA,2014)

Constatou-se neste trabalho que ainda existem dúvidas em relação quanto às formas de transmissão, diagnóstico precoce e tratamento da doença.

Apesar da maioria dos entrevistados não ter contato com portadores da hanseníase, 53 deles responderam de maneira acertada que ainda existem muitos casos da doença no Brasil. Os casos diminuíram em 37% nos últimos dez anos, porém a doença ainda preocupa as autoridades e o Ministério da Saúde. O Brasil é o único país das Américas a sofrer com o surto da doença e considerá-la um problema de saúde pública e possuir 12,29 casos a cada 100 mil habitantes, enquanto o ideal seria 10 a cada 100 mil, de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde.(OPAS,2018)

Igualmente de forma acertada, a maioria dos graduandos de enfermagem respondeu que existe cura para hanseníase, para forma de transmissão e para o tratamento sem isolamento. Estes dados vêm de encontro ao que é relatado em outros estudos sobre a Hanseníase efetuados com Agentes Comunitários de Saúde e com estudantes de Medicina, onde a maioria também demonstrou conhecimento básico sobre a doença. Entretanto, os autores afirmam que por serem trabalhadores da área da saúde ou futuros profissionais da área, os índices de desconhecimento ainda são considerados preocupantes. (LOPES,2016)

No sentido de responder quanto à transmissão, é necessário dizer que o Ministério da Saúde relata que a hanseníase é transmitida pelas vias aéreas superiores, com contato próximo e prolongado a uma pessoa doente e sem tratamento. A incubação da doença, em média, é de dois a sete anos, mas pode ser de sete meses, há casos mais longos, dez anos. O Sistema Único de Saúde disponibiliza o tratamento poliquimioterápico (PQT), recomendado

pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que é a associação de Rifampicina, Dapsona e Clofazimina. Essa associação diminui a resistência medicamentosa do bacilo, que ocorre com frequência quando se utiliza apenas um medicamento, e impossibilita a cura da doença. diferente do que se acreditou por muitos anos, relatado ao longo da história, a pessoa com hanseníase não precisa ser isolada nos serviços de saúde, afastada do trabalho, nem do convívio familiar. (BRASIL, 2013)

Quanto ao diagnóstico da doença, a maioria (74,42%) (64), acredita acertadamente que a alteração de sensibilidade na mancha leva a suspeita da doença. Em seu portal, o Ministério da Saúde recomenda que o diagnóstico de hanseníase seja diagnosticado de forma clínica e epidemiológica, por meio do exame geral e dermatoneurológico para identificar lesões ou áreas de pele com alteração de sensibilidade e/ou comprometimento de nervos periféricos, com alterações sensitivas e/ou motoras e/ou autonômicas. (BRASIL,2017)

Entretanto, além da sensibilidade da mancha, afirmam que podem existir outros sintomas como: a existência de área de pele seca e com falta de suor, com queda de pelos, especialmente nas sobrancelhas; sensação de formigamento; dor e sensação de choque, fisgadas e agulhadas ao longo dos nervos dos braços e das pernas, diminuição da força dos músculos das mãos, pés e face devido à inflamação de nervos, que nesses casos podem estar engrossados e doloridos; úlceras de pernas e pés; caroços (nódulos) no corpo, em alguns casos avermelhados e dolorosos; febre, edemas e dor nas juntas; entupimento, sangramento, ferida e ressecamento do nariz; ressecamento nos olhos. (SILVEIRA et al, 2016)

Observa-se que quando se passa a questionar de forma mais técnica sobre a doença hanseníase, o índice de acertos dos graduandos de enfermagem diminui. Apenas 43,02% (37) afirmaram conhecer os tipos de hanseníase e apenas 24,42% (21), responderam corretamente sobre os tipos de tratamento sendo eles os graduandos do 8º período. No estudo com alunos de fisioterapia sobre estes fatos, a proporção de acertos foi bem maior, chegando a 95%.(LOPES,2016).

Ministerio da saúde , relata que a Hanseníase Paucibacilar, pode se subdividir em duas: indeterminada, que é o estágio inicial da doença, com um número de até cinco manchas de contornos mal definidos e sem comprometimento neural; e a tuberculoide, que apresenta manchas ou placas de até cinco lesões, bem definidas, com um nervo comprometido, podendo ocorrer neurite (inflamação do nervo). Quanto a Multibacilar, se subdivide em borderline ou dimorfa, apresentando manchas e placas, acima de cinco lesões, com bordos às vezes bem ou pouco definidos, com comprometimento de dois ou mais nervos, e ocorrência de quadros reacionais com maior frequência; é a virchoviana, sendo a forma mais disseminada da doença. (BRASIL,2018)

Acertadamente 44,18% responderam sobre a não transmissão da doença, que se dá na primeira dose no primeiro dia do tratamento. Após a primeira dose da medicação não

há mais risco de transmissão durante o tratamento e o paciente pode conviver em meio à sociedade. (SOUZA,2016)

Entretanto, é preocupante que cerca de metade dos graduandos desconheçam estes fatos, pois poderão futuramente fazer parte do seu cotidiano profissional.

Quando questionados sobre a atuação da enfermagem, em sua maioria 88,37%, (76) acreditam que se resume a orientar quanto a importância do tratamento da hanseníase. O enfermeiro tem papel importante no atendimento ao paciente com hanseníase, ele, em muitos casos, é o primeiro profissional da saúde a entrar em contato e proporcionar as primeiras avaliações para o diagnóstico da patologia. Cabe ao enfermeiro informar ao paciente e/ou a seu responsável sobre a doença e suas consequências e reações, além de conduzir o tratamento. (COELHO,2016)

Dos entrevistados 65,12% (56) que acertadamente relataram que a enfermagem deve alertar e avaliar os familiares até cinco anos retroativos. Nesse sentido, a atuação da enfermagem é primordial no desempenho do papel assistencial em prol da saúde das pessoas, fazendo parte de um trabalho em grupo no combate à Hanseníase, agindo pontualmente em medidas estratégicas visando, controlar a doença, de maneira individual, atendendo os infectados, seus parentes e comunidades em que estão inseridos. (RODRIGUES, et.al.2015)

Quanto aos exames a serem solicitados, 55,81% (48) afirmam ser o teste de sensibilidade e baciloscopia da linfa, relatam que a consulta de enfermagem para pacientes de Hanseníase pode ser compreendida a partir do cumprimento de cinco fases importantes e sequenciais: a história de vida do paciente, o exame de contato, o diagnóstico, a orientação e o progresso de enfermagem. (SILVA,2009)

Durante a consulta deve ser efetuado o teste de sensibilidade que consiste em utilizar um objeto pontiagudo, caneta esferográfica, ou similar, tocar levemente a pele com a ponta da caneta, pedir à pessoa que aponte o local onde sentiu o toque da caneta. Feito isso, pedir a ela que feche os olhos, ou olhe para um lugar diferente da área a ser testada de modo a não observar o teste. Tocar levemente o centro da mancha da pele mais proeminente com a ponta da caneta, sem, no entanto, afundar a pele a ser testada e pedir à pessoa que indique o local onde sentiu a ponta da caneta. Repetir este procedimento na pele normal, e depois na mesma mancha anterior, para ter certeza da resposta da pessoa. (. ZIMMERMANN,2014)

No caso da baciloscopia, é um procedimento de fácil execução e de baixo custo, permitindo que qualquer laboratório da UBS possa executá-la, não devendo, porém, ser considerada como critério de diagnóstico da hanseníase. O enfermeiro poderá ficar encarregado da coleta de material para o exame, ou fazer a solicitação para um auxiliar ou técnico de enfermagem, conforme protocolo interno. (SILVA,2009)

Por fim, sobre os tópicos sobre Hanseníase que deveriam ser abordados em sala de aula, 62,80% dos graduandos gostariam de receber orientações sobre diagnóstico e

tratamento dos pacientes.

Observa-se que devido ao índice de desconhecimento e dúvidas apresentadas nesta análise, é necessário sugerir que o tema seja mais bem explorado na sala de aula nas disciplinas saúde coletiva e Doenças infecto contagiosas durante o curso de enfermagem e que seja dada ênfase a doença de Hansen, auxiliando assim na aquisição de um maior conhecimento a seu respeito e possibilitando uma atuação adequada quando no exercício da profissão de enfermeiro.

CONCLUSÃO

Importante destacar que embora seja reconhecida a doença hanseníase de um modo geral entre os graduandos, mas quando se questiona de forma mais técnica evidencia-se pouco conhecimento relacionado quanto à transmissão, tipos da doença e cuidados.

Alguns importantes aspectos nos pareceram bastante relevantes no estudo como o fato dos graduandos do 7º e 8º período terem obtido os maiores índices de acertos relacionados ao tema, isso corrobora para o fato desses graduandos estarem cursando ou que tenham cursado as matérias correlacionadas, e que o tempo na faculdade determinou o maior grau de conhecimento sobre o assunto.

As instituições de ensino superior no Brasil, responsáveis pela formação de profissionais na área da saúde, incluindo o enfermeiro, necessitam de uma formação que privilegie a integralidade do cuidado.. Evidencia-se, a necessidade de qualificação da formação de profissionais para o cuidado adequado à saúde da população frente à problemática da hanseníase, podendo contribuir para o Programa de Controle da Hansen.

Nessa perspectiva deixamos como proposta, a conscientização dos graduandos para o fato que é de extrema relevância a busca de informações também fora do campus para que o tema se torne mais familiar, como também ao campus programar meios que corroborem com a temática em toda graduação, como cursos de extensão e visitas técnicas.

REFERÊNCIAS

BARDIN L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL, Ministério da saúde, **Hanseníase**, Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Guia prático sobre a hanseníase [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, – Brasília ,2017

BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. **Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem: diagnóstico da profissão aponta concentração regional, tendência à masculinização, situações de desgaste profissional e subsalário**. Brasília, DF, 2015

BRASIL, Ministério da Saúde, **Boletim Epidemiológico vol. 44 nº 11**, 2013.

BRITO AMR; BRITO MJM; SILVA PAB. **Perfil sociodemográfico de discentes de enfermagem de instituições de ensino superior de Belo Horizonte**. Escola Anna Nery, v. 13, n. 2, p. 328-333, 2009.

COELHO IBAM. **Práxis de enfermagem em pacientes com hanseníase**, NIEP, Faculdades Promove de Brasília, UNICESP, 2016

GARCIA AKA; MORAES A; GUARIENTE MHDM. **Perfil de estudantes ingressantes de um curso de enfermagem do Sul do Brasil**: caracterização dos hábitos de leitura e estudo, Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina, v. 37, n. 2, p. 47-54, jul./dez. 2016

LOPES, JP, **Conhecimento de alunos sobre hanseníase**, Saúde em Revista, Piracicaba, v.16, n.42, p1-10, jan-abr, 2016.

NETA OAG, ARRUDA GMMS, CARVALHO MMB, GADELHA RRM **Percepção dos profissionais de saúde e gestores sobre a atenção em hanseníase na estratégia saúde da família** Rev. Bras. Promoç. Saúde, Fortaleza, 30(2): 239-248, abr./jun., 2017.

OLIVEIRA JCF, LEÃO AMM, BRITO FVS, **Análise do Perfil Epidemiológico da Hanseníase em Maricá**, Rio de Janeiro: uma contribuição da Enfermagem, REV. enferm UERJ, Rio de Janeiro, nov/dez, 2014.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, OPAS, **Hanseníase no Brasil**, disponível em <https://www.paho.org/bra/>, acesso em maio de 2018.

PINHEIRO MGC, MEDEIROS IBG, MONTEIRO AI ET AL. **O enfermeiro e a temática da hanseníase no contexto escolar: relato de experiência**. J. Res.: fundam. care. online jul./set. 2015.

RODRIGUES FF, CALOU CGP, LEANDRO TA, ANTEZANA ET AL. **Conhecimento e Prática dos Enfermeiros sobre Hanseníase: Ações de Controle e eliminação**. REV brasileira de Enfermagem, mar-abr v 68, 2015.

RODRIGUES CC, BERTO J, NASSIF PW, NASSIF AE, **Análise dos Conhecimentos a respeito da Hanseníase em acadêmicos de medicina**, Brazilian journal of surgery and clinical research, vol 4 n.1 set/nov, Maringá, Paraná, 2013

SELLITZ C.; WRIGHTMAN LS; COOK SW. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SILVA FRF. Et al. **Prática de enfermagem na condição crônica decorrente de hanseníase**. Texto Contexto Enfermagem, 2009; 18(2): 290-7

SILVEIRA MGB, COELHO AR, RODRIGUES SM, SOARES MM, CAMILLO GN. **Portador de hanseníase: impacto psicológico do diagnóstico** Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares/MG, Brasil 2016.

SOUSA LC, SILVA RL, SOUSA OMP, CAMARA LMP. O enfermeiro como instrumento de ação no cuidado a pacientes com hanseníase: relato de experiência, XXV 4 Encontro de Extensão, Encontros Universitários da UFC 2016.

SOUZA, JFM, SENA TCC. **O envelhecer institucionalizado de sujeitos sequelados pela Hanseníase da U/E Abrigo João Paulo II.** Revista KairósGerontologia, 17(1), pp.103-123. São Paulo (SP), Brasil: PUC-SP 2014.

ZIMMERMANN D R, VIEIRA, S G, SANDES, N C M, ANGELO, N C D T, SOUZA V C A. **Percepção de estudantes de Terapia Ocupacional frente ao atendimento de pacientes com hanseníase.** cad. ter. ocup. ufscar, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 383-390, 2014

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescente 8, 12, 30, 31, 78, 80, 98, 100, 101, 243, 244, 245, 246, 247, 248

Atenção primária em saúde 29, 211, 214

Atendimento Pré-Hospitalar 37, 39, 41, 42

Auditoria 10, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 220, 280

C

Cirurgia 7, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 86, 211

Comunicação 5, 5, 7, 12, 34, 43, 46, 47, 48, 51, 53, 54, 56, 58, 61, 64, 84, 93, 94, 104, 114, 117, 134, 137, 138, 169, 170, 175, 206, 213, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 236, 238, 241, 244, 246, 247, 248, 261, 267

Consulta de enfermagem 7, 19, 27, 49, 51, 52, 57, 61, 114, 148, 188, 228, 256

Criança 5, 8, 27, 30, 31, 35, 60, 78, 98, 99, 100, 101, 245, 248

Cuidador 11, 22, 28, 32, 34, 96, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193

D

Dengue 9, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 130

Diabetes Mellitus 64, 71, 77, 182, 202, 276, 277

E

Educação em saúde 24, 63, 64, 80, 83, 84, 93, 114, 120, 121, 122, 129, 140, 181, 188, 191, 220, 238, 245, 246, 247, 250, 251, 256, 257, 258

Educação popular em saúde 7, 9, 62, 120, 121, 123, 127, 128, 129

Emergência 31, 37, 39, 43, 44, 55, 56, 113, 162, 163

Enfermagem 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 65, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 110, 111, 114, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 208, 209, 210, 212, 213, 216, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 241, 249, 250, 251, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 269, 280

Estomias 234, 235

Estratégia de Saúde da Família 6, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 141, 193, 220, 239

G

Gestante 9, 29, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

H

Hanseníase 10, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

I

Interprofissionalidade 9, 12, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 236, 237, 239, 246, 247

L

Lesão 11, 66, 67, 69, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 234, 235, 249, 250, 251, 252

M

Monitoria 8, 98, 99, 100, 101, 102

O

Obesidade 7, 13, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 276

Ortopedia 6, 1, 2, 3, 14

P

Papel Profissional 37

Pé Diabético 7, 62, 63, 64, 65, 68, 70, 71

População em situação de rua 9, 63, 65, 70, 71, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118

Pré-Operatório 7, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61

Prevenção 7, 9, 12, 18, 23, 35, 62, 64, 65, 71, 72, 74, 77, 78, 79, 83, 84, 97, 119, 120, 121, 123, 126, 128, 131, 134, 135, 140, 163, 183, 188, 189, 190, 191, 211, 220, 221, 227, 228, 235, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 271, 273, 276, 277

Processo de Enfermagem 2, 3, 4, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 25, 26, 28, 30, 31, 34, 60, 179, 189, 190, 229

Projeto Terapêutico Singular 12, 236

Q

Qualidade de vida 10, 11, 46, 48, 84, 116, 140, 152, 153, 161, 162, 167, 182, 183, 189, 191, 193, 194, 195, 196, 199, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 245, 251, 253, 257

R

Redes sociais 13, 255, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 267, 268, 269

Relato de experiência 6, 9, 12, 17, 21, 27, 28, 30, 34, 35, 83, 90, 100, 103, 105, 111, 114, 120, 123, 131, 150, 236, 240, 253, 255, 257, 258

Resgate Aéreo 37, 39

Revisão Integrativa 6, 35, 37, 39, 43, 48, 52, 59, 87, 88, 90, 91, 96, 97, 175, 176, 179, 193, 235, 250, 252, 258

S

Sarampo 12, 253, 254, 255, 257, 258

Segurança do paciente 11, 35, 177, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 221, 222

Sífilis 6, 28, 35, 36, 135

Sífilis Congênita 6, 28, 29, 30, 31, 33, 34

Sistematização da Assistência de Enfermagem 5, 6, 1, 2, 3, 4, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 80, 169, 189, 252

T

Tecnologia Educacional 8, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97

Traumatologia 2, 214

Turno de trabalho 10, 152, 153

V

Vacina 67, 120, 254, 255, 256, 257, 258

Enfermagem:

Processos, Práticas e Recursos

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Enfermagem:

Processos, Práticas e Recursos

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021